

LEITORES RURAIS: APROPRIAÇÃO ÉTICO-PRÁTICA NOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À LEITURA

Lisiane Sias Manke – ICH/UFPeI

Introdução

A dinâmica social contemporânea intensificou e ampliou a circulação da cultura escrita no meio urbano, local onde a relação com a escrita ocorre em diversos níveis e a leitura passa por múltiplas formas. Como afirma Viñao Frago (1999) “*la escritura nació en el medio urbano*”, sendo este o espaço das relações sociais intermediadas pela escrita. Diante desta relação consagrada entre a cultura escrita¹ e o urbano, o rural, por sua vez, carrega a *representação* da inexistência ou da rarefação do escrito. Neste texto serão abordadas algumas questões relativas à prática de leitura de *leitores assíduos*² vinculados ao meio rural, especialmente, em relação à *apropriação* das leituras que realizam. A abordagem que se estabelece advém do resultado de uma pesquisa concluída, que teve como tema o estudo da trajetória de seis leitores rurais, que possuem pouca escolarização, têm mais de 70 anos de idade, e leem cotidianamente, de forma não profissional. Os pressupostos teóricos que nortearam a análise estão vinculados a história da leitura, e aos conceitos da sociologia da leitura e da cultura. Entre outros, a análise da trajetória individual destes leitores possibilitou dar visibilidade as práticas de leitura existente no meio rural, esboçando uma imagem da leitura no mundo social.

Para Darton (1995) definir como os leitores assimilam seus livros é o estágio do circuito do livro que oferece maiores dificuldades de estudo, pois exige uma análise profunda, que contemple desde a trajetória sócio-histórica dos leitores às especificidades das práticas de leitura. Contudo, entende-se que as novas possibilidades de estudo, que correspondem às novas correntes teórico-metodológicas do fazer histórico, têm possibilitado tais investigações ao oferecer um suporte teórico no qual o indivíduo ganha espaço e representatividade como sujeito único, porém, vinculado a um determinado grupo social. Neste sentido, o aporte teórico oferecido pelo sociólogo Bernard Lahire (2002, 2004, 2005) apresenta significativas contribuições ao propor investigações relacionadas a uma sociologia *à escala individual*, na qual o social é abordado individualmente.

¹ Conforme Brito (2005), “cultura escrita é, de todos os termos, o mais amplo e que procura caracterizar um modo de organização social cuja base é a escrita”. (p. 15).

² Caracteriza-se como *leitores assíduos* aqueles indivíduos que leem constantemente e intencionalmente, com o intuito de instruírem-se ou por prazer de ler.

Assim, seis indivíduos que residem em municípios da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul compõe o quadro de depoentes, quatro homens e duas mulheres, sendo eles: Antonio, Nei, Henrique, Ismael, Ondina e Tecla³. Os leitores em evidência nasceram entre os anos de 1916 e 1936, tendo cursado de três a cinco anos a escola primária, com exceção de Ismael que não frequentou a escola formal, e de Nei que cursou até o secundário. Todos são oriundos de famílias de agricultores, descendentes de imigrantes europeus, que durante a vida profissional trabalharam em atividades rurais com mão de obra familiar, estabelecendo grande vínculo com o contexto rural.

Não se trata, portanto, de famílias abastadas e com alta escolarização. Como agricultores, estes atores, não desenvolveram uma atividade de destaque social. Pode-se também considerar que as distâncias geográficas que caracterizam o meio rural tendem a dificultar o acesso a uma série de atividades culturais. Assim, se forem elencados somente elementos como herança familiar e educação escolar como determinantes principais para a formação das práticas socioculturais, seria difícil considerar e entender a formação da *disposição* (Cf. LAHIRE, 2002) para a leitura destes seis atores. Chartier (2002) auxilia a compreender essas situações quando afirma ser fundamental que os estudos se ocupem de reconstruir situações particulares, desprendendo-se do olhar único para as estruturas que regulam as relações sociais, sendo imprescindível considerar em suas formas sociais “as racionalidades e as estratégias executadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos”. (CHARTIER, 2002, p. 84).

Questões teórico-metodológicas

Nesta análise o indivíduo leitor é investigado a partir do social em sua forma incorporada, ou seja, o *social dobrado* (LAHIRE, 2002). Assim, ao considerar que as disposições interiorizadas são resultado de socializações passadas, o indivíduo é resultado da realidade *social desdobrada*. No entanto, Lahire (2002) afirma que apreender essa realidade social é algo bastante complexo, sendo necessária uma série de informações que precisam ser comparadas sobre o mesmo indivíduo. Para tanto, a análise deve ocorrer no sentido *vertical*, ou seja, no cruzamento de diversos dados que correspondam à trajetória de um mesmo indivíduo. Para tanto, as fontes orais apresentaram-se como o principal aporte metodológico para a coleta de dados. Foram

³ Optou-se por utilizar apenas o primeiro nome dos atores e não divulgar o local de residência, de modo a preservar as identidades destes.

realizadas 30 entrevistas com os seis atores, definidas como *entrevistas em profundidade*, ou seja, longos depoimentos nos quais os leitores falavam livremente sobre suas trajetórias de vida e a relação com a leitura. Além das entrevistas, outros documentos somaram-se aos materiais empíricos, tais como, o registrado de *notas de campo* (BOGDAN e BIKLEN, 1994), o registro do acervo particular dos depoentes, entre outros documentos pessoais disponibilizados.

O caráter biográfico das entrevistas permitiu constatar que os seis leitores vivenciaram transformações e acontecimentos sociais, econômicos, políticos e culturais de âmbito nacional e internacional que, de alguma forma, atingiram as suas vidas de modo particular. Os episódios que envolveram o Brasil na II Guerra Mundial, a migração de alemães para o Sul do Brasil, as políticas de governo, entre outros, são fatos históricos que atravessaram o século XX e que estão presentes na memória destes atores sociais. Através do trabalho de reconstrução de si mesmo, diante de um universo maior, estes indivíduos buscaram em suas narrativas localizarem-se em um determinado contexto social e temporal.

Assim, são consideradas as *disposições incorporadas* por cada um dos indivíduos, ao analisar as *apropriações* que fazem das leituras realizadas. Conforme Lahire (2002, p.94), os leitores, ao se apropriarem de um texto, fazem trabalhar os *esquemas de sua própria experiência*, distinguindo-se entre si conforme o tipo de experiência social ao qual são sensíveis, sem restringi-las ao pertencimento sociocultural de cada grupo social. Desta forma, o termo *apropriação*, no sentido apresentado por Chartier (2002), será empregado nesta análise na perspectiva da *escala individual*, considerando-se as variáveis que compreendem as diferentes trajetórias individuais.

Ao conceituar o termo *apropriação*, Chartier aproxima-se dos estudos de Michel de Certeau compreendendo *apropriação* como a pluralidade de usos e a diversidade de interpretações empregadas ao texto lido, contudo, atreladas ao processo sócio-histórico vivenciado pelos leitores. Isso ocorre porque, conforme alerta Chartier, “devemos ver que cada apropriação tem seus recursos e suas práticas, e que uns e outras dependem da identidade sócio-histórica de cada comunidade e de cada leitor”. (2001a, p.116). Por sua vez, Lahire (2002, 2004a) partindo da crítica estética, de Mikhail Bakhtin, e da sociologia da produção e do consumo cultural, de Pierre Bourdieu, estabelece a oposição entre *disposições estéticas* e *disposições ético-práticas* de apropriação. O autor define como *disposição estética* a leitura em que “a forma artística

(o estilo, a maneira, a representação...) seja privilegiada em relação ao conteúdo” (LAHIRE, 2002, p.91), uma leitura caracterizada especialmente por leitores profissionais, críticos literários que colocam o estilo literário em primeiro lugar. Na *disposição ético-prática* o conteúdo é sobreposto ao estilo e o texto ancorado não na realidade textual, mas em uma configuração prática. Com base em pesquisa empírica, Lahire indica que a *disposição ético-prática* supõe:

[...] uma participação, uma identificação, uma ancoragem do texto nos elementos da experiência cotidiana passada ou presente. A ancoragem da leitura numa realidade diferente da realidade literária explicava o fato de que o tema, o assunto e os efeitos do real produzidos pelo estilo e/ou pelo contexto muitas vezes eram postos à frente do autor, do estilo, que nunca eram mencionados, quando se tratava de romances, das correntes literárias ou das editoras. (LAHIRE, 2002, p. 92).

A oposição entre os modos de apropriação separa, assim, os leitores leigos dos leitores profissionais. Os leitores leigos “exteriores às implicações do campo literário, simples consumidores e espectadores,” embora possam por vezes comparar autores ou correntes literárias, e os leitores profissionais enquanto “agentes tomados nas lutas de concorrência do campo (escritores, críticos, jornalistas culturais, etc.)”. (LAHIRE, 2002, p. 93). Contudo, esta oposição em relação à apropriação não está atrelada a concepções que colocam em lados opostos os leitores populares e os leitores diplomados, assim como, não está vinculada ao consumo cultural e aos efeitos de legitimidade cultural.

Portanto, os leitores leigos, diplomados ou populares, apropriam-se dos textos a partir de *disposição ético-prática*, com base em seus *estoques de resumo de experiências incorporadas*, estando a apropriação vinculada, como sugere Chartier (2002), ao processo sócio-histórico vivenciado por cada leitor. Sendo assim, os leitores leigos diferenciam-se entre si, em relação ao uso dos textos, conforme as experiências sociais as quais foram submetidos, segundo as condições sociais, o itinerário escolar, familiar ou profissional. Tais aspectos definem o gosto por determinado assunto ou tema, contribuindo também para o sentido atribuído à leitura. Para Lahire (2002), os temas que chamam a atenção do leitor estão vinculados à proximidade cultural ou social do assunto tratado no texto, pois possibilitam a participação ou a identificação com o que está sendo lido, “permitindo assim *fazer trabalhar*, de um modo imaginário, os *esquemas de sua própria experiência*” (p. 94). Contudo, para o autor este encontro não

se estabelece de forma lógica e direta, ou seja, que necessariamente operários gostem dos romances que falam da condição operária ou, as mulheres, dos romances que falam das mulheres.

No caso dos leitores analisados, é possível perceber práticas de leitura nas quais predominam *apropriações ético-práticas*. Em suas leituras os temas mais recorrentes apresentam uma aproximação com os *esquemas da própria experiência* dos atores, especialmente, os ligados ao passado vivenciado ou ouvido (por meio de histórias contadas pelos pais ou avós), que revelam formas singulares de *apropriação* do texto lido.

Os sentidos atribuídos à leitura na experiência de cada leitor

Os atores em evidência ao lerem revivem o passado através dos livros, conhecem outros lugares a partir de leituras relacionadas ao que lhes é conhecido, recriam, interpretam, vivem o momento de seus ciclos de vida diante das possibilidades que o “mundo da leitura” oferece. Para Goulemot (1998, p.110), a relação entre o leitor e a leitura é denominada como *fora-do-texto*, resultado de uma história coletiva e pessoal. Do mesmo modo, para De Certeau (1994), a leitura é criação e produção própria do leitor, que “não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor” (p.264), sendo o leitor livre para inventar outras coisas que não exatamente aquilo que fora proposto. Assim, na abordagem que segue a relação que estes seis leitores estabelecem com os textos, às impressões de leitura, as apropriações, as interpretações e os sentidos atribuídos aos textos serão observados, especialmente, através do que eles “dizem” sobre suas leituras.

Inicialmente, serão abordados alguns exemplos da relação de Ismael com a leitura que, a partir dos livros de história – locais e regionais –, busca conhecer a trajetória familiar e “confirmar” as histórias contadas por seu pai. Entre os temas mais narrados por Ismael estão os acontecimentos que envolveram o Estado do Rio Grande do Sul durante o período da Primeira República (1889-1930). Em suas narrativas, os episódios vivenciados pela família e as leituras realizadas sobre estes acontecimentos foram entremeados, como se pode observar em suas palavras: “*eu tirei aqui um xerox da República Velha que foi um governo horroroso, eu sei por que me criei escutando o meu pai contar, o banditismo, o roubo, (...) é o que está aí [texto], a atuação dos*

coronéis como é que funcionava.” Por diversas vezes Ismael localizou, durante suas falas, o sobrenome de sua família em textos impressos, reafirmando, assim, que os livros comprovam a oposição de sua família ao partido de Borges de Medeiros,⁴ e as consequências da posição política assumida.

Conforme as palavras de Ismael, após 1930, o Brasil tornou-se mais democrático mesmo diante de uma ditadura. Suas leituras contribuíram para reforçar seu posicionamento sobre o assunto: “*eu me criei com meu pai sendo dos federalistas, e quando Getúlio Vargas entrou, eles estavam sofrendo muita perseguição.*” Tais experiências familiares fizeram com que Ismael posicione-se sempre favorável ao governo Vargas, buscando confirmar suas *experiências individuais* nos textos lidos. Ao falar sobre o livro *Getúlio e seu tempo: um retrato de luz e sombra*, de Fernando Jorge, editado em 1985, Ismael fez a pergunta que tinha a intenção de responder: “*Por que luz e sombra?*”. Então, afirmou que “a luz” do governo Vargas está relacionada a um governo que foi o pai das leis trabalhistas, o grande amigo do operário, o criador da siderurgia, entre outras tantas obras e adjetivos atribuídos a Vargas. Após a leitura, Ismael sorriu e disse: “*assim se explica o título desta obra, o retrato de luz e sombra, a luz da virtude de Getúlio e a sombra de seus pecados e suas imperfeições.*” No entanto, quando questionado sobre alguma passagem do livro referente às “sombras” deste governo, apenas diz que as “sombras” foram necessárias, não indicando nenhum excerto do livro que retomasse a discussão. Portanto, percebe-se que nos sentidos atribuídos, e nas escolhas que se faz ao apropriar-se de um texto, “há uma história contemporânea, quase vivida, que trabalha o texto no processo de leitura.” (Cf. GOULEMOT, 2001, p.111).

Em outro momento, questionado sobre o período da ditadura militar no Brasil, Ismael disse que não tinha muitas leituras sobre o assunto, mencionando apenas ser este um “*outro tempo*”. Contudo, durante uma das entrevistas, enquanto folheava um livro didático de História, referiu-se ao presidente Médici, da seguinte maneira: “*aqui está o governo Médici [passa a ler]: ‘o governo Médici foi o campeão do poder ditatorial e da violência repressiva contra a sociedade’.*” Sobre a frase lida fez o seguinte comentário:

⁴ Borges de Medeiros era o principal líder do *Partido Republicano Riograndense* (PRR), tendo sido presidente do Estado Rio Grande do Sul entre os anos de 1898 a 1907 e de 1912 a 1927, sendo assim, por cinco mandatos, embora não sucessivos. Ao ser eleito pela quinta vez teve início a chamada *Revolução de 1923*, quando enfrentaram-se os correligionários de Assis Brasil, membros do *Partido Federalista*, neste momento sobre a Bandeira da chamada *Aliança Libertadora*, e os representantes do *Partido Republicano Rio-grandense*. (MAGALHÃES, Mario Osório. *História do Rio Grande do Sul*. Pelotas: Armazém Literário, 2002).

“Foi um dos piores, mas ele foi violento na política, mas pro povo não foi assim, mas na política foi mão-de-ferro.” Observa-se que, independente do que tenha lido, o sentido atribuído à frase procura confirmar a sua percepção favorável ao governo militar do presidente Médici diante da justificativa que difere violência política e violência contra o povo.

Antonio, assim como Ismael, em suas leituras coloca em evidência, especialmente, às histórias de sua *experiência da vida*. Os temas que lhe motivam e lhe sensibilizam à prática da leitura são aqueles relacionados à história local, à origem de sua família e aos acontecimentos que envolveram a etnia alemã. Entre os livros de Antonio encontra-se o livro de Siegfried Castan, intitulado *Holocausto Judeu ou Alemão? nos Bastidores da Mentira do Século*, cujo conteúdo nega a existência do extermínio sistemático dos judeus pelos nazistas durante a II Guerra Mundial. Quando se referiu a esta obra, Antonio logo esclareceu que este foi um livro proibido e que comprou de um vendedor ambulante. Sobre a posição defendida pelo autor, inicialmente diz que é preciso que cada um leia e tire suas próprias conclusões. Mas, em um segundo momento, afirmou: “Hitler não gostava dos judeus, porque parece que eles eram muito exploradores, não produziam e só queriam explorar. Mas o que diz neste livro é que essas mortes todas não, que isso não é gente, são bonecos” [referindo-se às imagens presentes no livro]. Mesmo que Antonio tenha uma opinião formada sobre o assunto, ao comentar a obra utiliza termos como, ‘parece’ e ‘o que diz neste livro é’, o que, de alguma forma, isenta-o de emitir uma opinião mais definida sobre a versão defendida no livro, embora se perceba que ele não acredita que Hitler tenha provocado tantas mortes.

Para Goulemot (2001, p.107) não há leitura ingênua, “pré-cultural, longe de qualquer referência exterior a ela”. A este respeito o autor ainda remete-se à noção de *biblioteca*, ou seja, memórias de leituras anteriores e dados culturais que produzem os sentidos atribuídos. Como afirma: “o sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quando do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que nasça o sentido a ser adquirido”. (GOULEMOT, 2001, p.115). Por certo, Antonio, ao ler, não apenas o livro *Holocausto Judeu ou Alemão?*, mas, ao ler de modo geral, utilize as concepções sociais e culturais já adquiridas em outras circunstâncias, que vão trabalhar o texto e contribuir na constituição dos sentidos, pois, ainda, segundo Goulemot (2001), não há compreensão autônoma, imposta pelo livro lido.

Henrique, a exemplo de Antonio, ao referir-se as suas leituras, retoma uma série de acontecimentos, como o serviço militar, a convocação para retornar ao quartel

durante a II Guerra Mundial, a educação legada aos filhos e a pouca escolarização como elementos que contribuem na construção dos sentidos atribuídos às leituras que realiza. Partidário de Getúlio Vargas e Leonel Brizola, os argumentos favoráveis a estes dois políticos estão ancorados especialmente em questões que envolvem sua vida particular, como se pode ver: *“Getúlio me defendeu naquela época, em 1940, eu tava servindo, dei baixa e fui convocado de volta. (...) eu fui me apresentar no último dia (...). Getúlio deu última forma na expedicionária, não ia mais nenhum brasileiro prá lá.”* No caso de Brizola, as necessidades da família foram supridas por uma das políticas econômicas deste governo. Segundo Henrique sua esposa costurava todas as roupas da família à mão, com agulha e linha, e ele não tinha condições de comprar uma máquina de costura. Mas, quando Leonel Brizola foi governador do Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1959 e 1963, aumentou o preço da cebola, produto produzido por sua família, alterando sua situação financeira, como explicou: *“Brizola entrou no governo e botou mil e cem o quilo de cebola, eu fiz mais de oito contos, paguei a dívida e me sobrou dinheiro. (...) Esta máquina que tá aqui oh, foi especial pra mim, foi o Brizola que me deu, porque com aquela cebola eu comprei essa máquina pra minha mulher.”* A foto de Getúlio Vargas e Leonel Brizola na parede da sala de sua casa é justificada da seguinte maneira: *“fiquei devendo obrigação pra esses dois políticos, Getúlio e Brizola. (...) não tenho como gratificar, deixo o retrato aqui pra me lembrar daqueles políticos que me defenderam.”* Estes são aspectos que fazem parte do *estoque de experiências incorporadas* por Henrique, sendo diretamente vinculados aos sentidos que emprega aos textos que lê.

Com o livro *Getúlio Vargas em mãos*, de autoria de Ivar Hartmann, editado em 1984, Henrique falou sobre a importância da leitura: *“se não se lê a escuridão tá pela frente. Esse livro é muito bom, (...) ele era um grande presidente, é exatamente o que está aqui, e não iam escrever o que não era.”* Mesmo procurando ressaltar a importância da leitura como meio de aquisição de conhecimento, muitas vezes, demonstrou que sua intenção era a de confirmar seus posicionamentos através das leituras. Isso ficou evidente em suas próprias afirmações: *“lendo o que foi esse homem [Vargas] que a gente dá valor. Apesar que ele fez coisas meio atrevidas, ele não era muito manso”*. As atitudes “atrevidas” de Vargas são justificáveis, segundo Henrique, que se manifesta em especial sobre duas questões: a deportação de Olga Benário e a perseguição aos imigrantes alemães durante a II Guerra Mundial.

Em três das entrevistas realizadas, Henrique falou sobre a morte de Getúlio Vargas, mostrando-se, por vezes, inconformado com o resultado das leituras que fez; em outros momentos, demonstrou-se convicto do assassinato do então presidente. Entre as afirmações, Henrique declarou: “*olha eu fico em dúvida, porque pelo que eu já li e já ouvi, mataram ele. Mas a conclusão que eu faço do que eu li, a forma da administração que ele vinha trazendo, eu acho que mataram ele, ele não se matou. Porque os estrangeiros admiravam as ideias de Getulio, ele tinha uma superioridade na mente, pela forma de administração e de conduzir a vida do povo, e isso foi inveja.*” Como forma de confirmar a sua suspeita em relação ao assassinato de Getúlio, Henrique utilizou uma leitura de ficção para comprovar seus argumentos, demonstrando desconsiderar o estilo literário da obra. Como afirmou: “*Eu tenho este livro que explica quem foi que matou ele. O nome do cara que matou, como é que ele preparou o capanga pra matar ele [Getúlio].*” O livro referido por Henrique denomina-se *O Homem que Matou Getúlio Vargas*, é a biografia, criada por Jô Soares, de Dimitri Borja Korozec. As afirmações de Henrique, baseadas em uma obra literária de ficção, podem ser consideradas como um *ato falho* de suas leituras, quando, demonstrando-se nitidamente confuso e, diante do desejo de confirmar o assassinato de Vargas, apropriou-se de uma obra de ficção com se fosse um texto verídico. A este respeito Lahire (2002, p.100) faz a seguinte consideração: “o esquecimento, o erro de leitura, o lapso, o extravio de um objeto, um desdém na ação... indicam amiúde que o ator é trabalhado, em tal situação social, por desejos, orientações, inclinações, injunções e esquemas de ação diferentes.” Assim, o autor, apoiando-se na psicanálise, afirma que em quadros sociológicos singulares, a ação de alguns leitores (especialmente para o caso dos textos literários) pode assemelhar-se a de um “sonhador desperto”.

Neste sentido, como afirma De Certeau (1994, p.269), “o leitor é o produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo.” Henrique é um leitor inquieto, que recria e modela o texto lido a seu *bel-prazer*. Seus relatos estão repletos de interpretações que permitem perceber a relação que estabelece com a leitura, a exemplo do que afirmou: “*tem uns livros aí que contam quem descobriu o Brasil: Pedro Álvares Cabral. Mas não foi, não foi Cabral, foi Colombo. Onde está o Brasil? Não tá dentro da América?*” Observa-se que no universo das práticas de leitura, a lógica das interpretações pode ir na contra mão da história oficial e novas versões da história podem ser construídas.

A trajetória leitora de Nei apresenta vários aspectos distintos em relação à trajetória de Henrique. Contudo, as histórias ouvidas oralmente e relacionadas aos temas lidos, entremeando cultura oral e cultura escrita, também estão presentes em suas apropriações. No entanto, ao analisar as práticas de leituras de Nei, é fundamental considerar o seu envolvimento em diferentes espaços sociais, sua atuação como secretário do Centro de Tradições Gaúchas, membro da Academia Canguçuense de História, mesário em processos eleitorais e candidato a vereador, práticas que lhe aproximavam da cultura escrita. Ao relatar suas práticas de leitura, Nei falava de aquisição de conhecimento, de diferentes culturas, de “outros lugares”, mas também do “seu lugar”, da sua história e de suas vivências.

Nei conviveu com a cultura escrita desde a infância, mesmo antes de ir à escola aprendeu a ler no jornal que seu pai assinava. Contudo, ao falar de seu gosto pelas leituras históricas, dizia serem as histórias que o avô materno contava oralmente sua principal motivação: *“meu avô tinha uma facilidade pra descrever, pra fazer um histórico de qualquer acontecimento, eu ouvia muito suas histórias.”* De várias formas as histórias ouvidas e vividas em família se cruzaram com as histórias lidas, como exemplo, pode-se observar seus longos relatos sobre o conto *O mate de João Cardoso*, história que leu e ouviu por muitas vezes, segundo afirmou. Ao referir-se a este conto, que compõe a obra *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, dizia conhecer bem a história do personagem principal, antes mesmo de vê-la nas páginas do livro: *“eu acho que li todas as obras de João Simões Lopes Neto, agora essa história meu avô cansou de contar.”* Ao narrar os acontecimentos que envolveram a figura de João Cardoso, personagem do conto, Nei tinha a preocupação de sempre reafirmar que as histórias que ele conheceu oralmente eram verídicas, assim como o texto de João Simões Lopes Neto. Para ele, a veracidade da história podia ser comprovada através de uma carta escrita pelo irmão de João Cardoso para o seu avô materno: *“realmente João Cardoso existiu, era primo da minha mãe, meu tio segundo, e eu para provar eu tenho a carta do irmão dele.”* Neste caso, como orienta Lahire (2002), o texto e as experiências vividas estão fortemente imbricados: “o ‘mundo dos textos’ está tão intimamente misturado com as experiências do leitor que este, às vezes, pode não conseguir distinguir, como observa Maurice Halbwachs, uma lembrança pessoal de uma cena literária análoga.” (p.98).

Nei, em suas falas, demonstrava possuir facilidade em distinguir os diferentes gêneros de leitura, apropriando-se das histórias de ficção e, por vezes, comparando-as a

acontecimentos verídicos, o que, de certo modo, caracteriza uma *apropriação estética* da obra lida. Contudo, com bem afirma Lahire (2002, p. 93), certamente não era o estilo literário que o ligava as histórias que lia, mas o tema abordado. Desta forma, o fato de Nei se referir ao estilo das obras, pode estar atrelado aos anos de escolarização que cursou, sendo ele o leitor com maior formação escolar entre os indivíduos analisados.

No caso de Tecla, o que se percebe é uma leitura de obras literárias que, assim como sugere Petit (2008, p.78), se dispõem a pensar a própria vida com o auxílio da ficção. Ela conviveu com a leitura desde a infância na casa paterna, sendo o pai e os irmãos permanentemente citados em suas memórias de leitura. Quando adulta, o casamento representou uma ruptura em sua vida e a viuvez um momento de reencontro, especialmente com a leitura, disposição que permaneceu em *estado de vigília* durante alguns anos. Esses acontecimentos marcaram a trajetória de Tecla e podem ser percebidos de forma subjetiva como balizadores de suas apropriações de leitura. Conforme seus relatos, o tema das leituras que realiza precisa corresponder ao seu desejo de conhecer outros lugares, de viver através da leitura outras experiências; suas leituras são, assim, vinculadas também ao desejo do conhecimento.

Entre os livros e revistas lidos, Tecla referiu-se à *Revista Cruzeiro*: “*ali eu conheci a Raquel de Queiroz, ela tinha uma página na revista, e eu gostava muito de ler ela. Porque eu gosto muito de saber de outras etnias, de outros costumes e outras coisas.*” Ao falar destas “outras coisas” que conheceu através dos livros e revistas, Tecla mencionou algumas obras, como *O Caçador de Pipas*, de Khaled Hosseini e *O livreiro de Cabul*, de Asne Seierstad, dizendo: “*nesses livros conheci um pouco do Afeganistão e da história das mulheres.*” Entre outros, também citou *Negras Raízes*, de Alex Haley, que aborda a história de um escravo levado para os EUA e as especificidades da vida no continente africano e da escravidão na América, com o qual, segundo Tecla: “*dá para compreender a vida lá na África, que os homens só caçavam..., que os próprios negros mesmo, vendiam os outros como escravos.*” Conforme Petit (2008), essa relação com os livros, esse viajar na leitura em busca de novas experiências são características próprias do ato de ler. Ainda, ao evidenciar práticas socioculturais diferentes, ou mesmo aspectos pontuais que envolvem outras sociedades, Tecla se percebe ocupando um espaço diferenciado no mundo social, que ultrapassa o “lugar” da esposa e mãe, que possui o 5º ano escolar, como ela mesma evidenciou: “*um amigo do meu filho disse: Mas a tua mãe é uma professora! Eu disse: Mas eu tive só até o 5º ano. Ah! Mas não pode! É, é verdade. Mas como a gente adquire conhecimento? Com base na leitura.*” Esta é uma

das apropriações de Tecla em relação aos textos literários que lê, uma leitura que objetiva viajar no enredo do texto e, também, adquirir conhecimento.

Ao comentar suas práticas de leitura, Tecla indicou os motivos que lhe fazem comprar ou gostar de um livro. Percebe-se que o tema da obra é, na maioria das vezes, o que mais influencia suas escolhas. Contudo, outros aspectos são evidenciados, como o autor, a indicação como *best-seller* ou, mesmo, a referência de uma leitura que era realizada por seu pai. Tecla ainda afirmou que, algumas vezes, suas escolhas ao comprar livros baseiam-se na relação de livros mais vendidos divulgada pela *Revista Veja*. Contudo, é o enredo do livro que vai determinar a sua opinião sobre a obra, como no caso do livro *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, o qual concluiu: “*eu não achei nada nesse livro, e me dizem: “eu me apaixonei por ele”. É o mais vendido, mas para mim não tem nada!*” Conforme observa Lahire (2002), o leitor apropria-se de um texto quando faz trabalhar os *esquemas de sua própria experiência*, o que certamente não ocorreu em relação à leitura desta obra. Assim, ao ler, Tecla busca descortinar seus medos e suas dúvidas, visita outros espaços, outras culturas, conhece novas histórias, deleita-se nos enredos, nas tramas literárias, que dão sentido a sua vida e lhe trazem conhecimento.

Diferentemente de Tecla, que apresenta uma *prática extensiva* de leitura, Ondina leu integralmente por cinco vezes a Bíblia, motivada especialmente pela crença na leitura como instrumento de fé e salvação. Assim, a Bíblia e alguns livros de oração e meditação são os materiais de sua preferência literária. A trajetória de Ondina foi marcada pela religiosidade da família, pela submissão à sogra após o casamento e pelas duplas jornadas de trabalho. A leitura intensiva da Bíblia começou após os 60 anos de idade, quando ficou impossibilitada de trabalhar diante de uma doença.

Para Chartier (2001a), a leitura da Bíblia possui suas regras próprias: “leitura, releitura, conhecimento de memória, leitura compartilhada, articulação entre leitura em casa e a leitura da Bíblia no templo.” (2001a, p. 113). As leituras de Ondina são caracterizadas por estes protocolos; leitura intensiva, muitas vezes com o intuito de memorizar. Contudo, a leitura compartilhada, indicada pelo autor, apresenta outra configuração no caso de Ondina, não como leitura em conjunto, mas como relato oral sobre a leitura realizada: “*eu falo pra eles da Bíblia, ele [marido] não gosta de lê, mas eu digo o que diz na Bíblia e o que ensina. Mas os netos já não escutam muito, mas eu sempre digo: ‘isso é preciso’.*” As práticas de leitura de Ondina confirmam, de algum modo, o que Chartier (1994) aponta em relação aos textos religiosos, ao referir-se ao

século XVIII e à sociedade europeia: “os textos religiosos e em primeiro lugar a Bíblia, em países protestantes, são os alimentos privilegiados dessa leitura [intensiva] fortemente impregnada de sacralidade e autoridade. (CHARTIER, 1994, p.99). Nesta prática de leitura intensiva de textos religiosos, marcados pela sacralidade, pode-se questionar como se dá a apropriação da leitura.

Ondina, ao ler, projeta suas vivências no conteúdo de alguns textos da Bíblia, ou ainda, por vezes, faz da leitura apenas uma forma de viver sua fé. Assim, a relação entre os sentidos atribuídos à leitura e os *esquemas de experiências individuais* são percebidos como uma característica de suas leituras. Quando questionada sobre qual o livro da Bíblia que mais gostava de ler, respondeu: “*Jó e os Salmos, mas todos são bons.*” Segundo Ondina, Jó é um exemplo que deve ser seguido, conforme suas palavras: “*é um exemplo, porque tudo tá declarado lá, ele perdeu tudo e depois recuperou tudo, e nunca foi contra Deus. Então a gente também tem que ser assim, se a gente tá sentindo mal, tá fraco ou tá doente, ou falta algum dinheiro, a gente nunca pode dizer não, eu não posso mais.*” Ondina ainda afirmou que por vezes viu-se na mesma situação de Jó, mesmo diante das dificuldades manteve sua fé. Assim, os temas dos textos que lê são transpostos para as situações vivenciadas no cotidiano, servindo de apoio e orientando suas atitudes.

Quando questionada sobre os livros do Antigo Testamento, ou ainda, sobre a trajetória de Jesus e os acontecimentos que lhe parecem mais significativos, Ondina não apresentou respostas objetivas, afirmando não ter boa memória e não saber explicar muito bem o conteúdo de suas leituras. Suas afirmações demonstram percepções normalmente difundidas e apreendidas através do convívio com a comunidade religiosa ou familiar, e não necessariamente adquiridas através da leitura bíblica. Desta forma, observa-se que sua prática de leitura é caracterizada pelo que se convencionou chamar de *apropriação religiosa da Bíblia*, uma leitura que não questiona, não critica e não duvida, na qual os sentidos atribuídos estão relacionados à devoção incondicional e a leitura apresenta-se enquanto ato de fé.

Considerações finais

Os seis atores analisados revelam *disposições ético-práticas* ao realizarem suas leituras, nas quais se pressupõe uma participação, uma identificação com o texto, baseada na experiência cotidiana passada ou presente do leitor (Cf. LAHIRE, 2002, p.92). Assim, se observa singularidades que permitem afirmar que cada indivíduo apropria-se de modo particular dos textos que lê, a partir de suas experiências individuais no meio social, mesmo tratando-se de um grupo com a mesma origem social, com pequena variação em relação à escolaridade, idade e meios de socialização. Neste sentido, a prática de leitura destes atores ratifica o que afirma Chartier (2001a, p.116), ao considerar que cada apropriação apresenta seus recursos e suas práticas, que estão vinculadas à identidade sócio-histórica de cada leitor.

A análise das narrativas de Tecla e Nei demonstraram uma prática de leitura não ausente de especificidade, mas que permite aproximação em alguns aspectos, uma vez que em seus relatos questões *estéticas* da obra foram consideradas, mesmo ao realizarem uma *apropriação ético-prática* da leitura. Ambos os leitores, ao falarem sobre suas leituras, demonstraram relativa facilidade em descrever de forma sintética o conteúdo lido, realizando considerações sobre o conjunto da obra, procurando, por vezes, ampliar seus conhecimentos gerais através da leitura. Entre os casos analisados, Nei é o leitor que possui o maior tempo de escolaridade, tendo inclusive saído da casa dos pais para estudar. Tecla frequentou até o quinto ano primário, mas é a leitora que conviveu por maior tempo em outros espaços de socialização. Após os trinta anos de idade, casou-se e passou a morar na sede urbana de municípios do interior e, novas relações sociais certamente permitiram-lhe outras experiências de socialização, que mais tarde foram incorporadas à prática de leitura.

No caso de Henrique, Ismael e Antonio é plausível também certa aproximação em relação a suas práticas de leitura. Estes leitores demonstraram relativa dificuldade em comentar de forma sintética o conteúdo de suas leituras, realizando comentários que privilegiavam algumas passagens do texto, em detrimento de outras, por vezes, desvinculadas do principal tema da obra. Ainda, a relação estabelecida entre suas histórias de vida e o tema abordado nos textos parecem ser o principal e, por vezes, o único motivador de suas leituras. Neste sentido, considera-se que a pouca experiência escolar dos três leitores, as escassas leituras de textos informativos, como jornais e revistas, e a ausência de práticas de socialização significativas para além do contexto familiar possam explicar a análise bastante restrita dos conteúdos das obras lidas. O mesmo também é percebido em relação às leituras de Ondina, contudo, guardadas as

especificidades da prática de leitura religiosa que realiza. Sua leitura extensiva da Bíblia é caracterizada como *apropriação religiosa da Bíblia*, por ser uma leitura em que os sentidos atribuídos estão relacionados à devoção incondicional, motivada pela fé que aceita com devoção o texto lido.

Contudo, constatou-se que a preferência literária dos seis leitores está relacionada aos textos que de alguma forma *fazem trabalhar as suas experiências individuais*, não necessariamente condicionados a uma relação direta com a sua atuação profissional ou com o seu modo de vida. Ou seja, nenhum dos leitores, embora tenham trabalhado durante anos na terra, possuem livros específicos sobre o plantio ou o manuseio de produtos agrícolas. Sendo assim, os gostos literários e os modos de apropriação oscilam de caso a caso, demonstrando a relação entre *apropriação e disposições incorporadas*. Neste sentido, a apropriação da leitura está vinculada ao exterior cultural que trabalha o texto, a partir de um sistema de valores que constitui os sentidos que são atribuídos a leitura. Por fim, é pertinente salientar que os dados apresentados e analisados nos auxiliam, em especial, a compreender que “longe de ser uma atividade passiva e desconectada dos cursos da ação, a leitura tem posse de ação.” (LAHIRE, 2002, p.98).

Referências

- BOGDAN, C. Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto, 1994.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização. In: FARIA, A. L.; MELLO, S. A. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1994.
- _____. **Cultura Escrita, literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001a.
- _____. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Univ. UFRGS, 2002.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. RJ: Vozes, 1994.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Retratos Sociológicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. (coord.). **Sociología de la lectura**. Barcelona: Gedisa, 2004a.

_____. Patrimônios Individuais de Disposições: para uma Sociologia à Escala Individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, 2005, p.11-42.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, (p.107 – 116).

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

VIÑAO FRAGO, António. **Ler y Escribir: História de las prácticas culturales**. México: Fundación Educación Voces e Vuelos, 1999.